



CIDADES RIBEIRINHAS AMAZÔNICAS: Uma abordagem da relação cidade-rio para o ensino de geografia em Abaetetuba/PA

Arielson Dias e Dias ¹
Rodrigo Lobato de Souza ²
Débora Aquino Nunes ³

RESUMO

A importância histórica de grandes rios, baías e igarapés para os povos da Amazônia e também para o início do processo de colonização da região é algo incontestável. Foi por meio deles que o capitalismo (des)envolveu os territórios à ribeira mediante à necessidade de acumulação primitiva do capital e circulação e comércio internacional de mercadorias extraídas e produzidas na região. Foi assim que começou o processo de colonização, onde se encontra atualmente a cidade de Abaetetuba-PA. Cidade construída à margem do rio Maratauíra, um dos afluentes do rio Tocantins, possui uma forte conexão com as dinâmicas das águas e da natureza, podendo ser considerada uma cidade ribeirinha. Nos apoiando em resultados parciais de pesquisa, temos como objetivo nesse trabalho relacionar a interação cidade-rio à uma proposta pedagógica engajada, e direcionada para alunos e alunas do 3º ano de Abaetetuba. Tem-se como recorte empírico a fronteira entre os bairros Santa Rosa e São Sebastião, que é delimitada pelo Rio Jacarecuara. A pesquisa utilizada neste estudo é de cunho exploratório, visa proporcionar maior familiaridade com o problema. Realizou-se a revisão bibliográfica, trabalho de campo e construção da proposta pedagógica. Esses espaços, para efeitos da presente análise, são considerados como realidades sociogeográficas que manifestam fortes relações de permanência e mudanças da interação multidimensional entre populações citadinas com os rios, configurando-se expressões da urbanização multifacetada amazônica, que merece ser entendida e, igualmente, considerada no processo de construção de uma educação libertadora e engajada no município. Em síntese, a ribeira do rio entre os bairros Santa Rosa e São Sebastião, a partir da análise da paisagem, condensam diversidade de usos e vivências espaciais que vão da ênfase à dimensão econômica, residencial e de lazer para seus moradores. A partir desse estudo é que se construiu uma proposta pedagógica engajada para o conteúdo de Geografia Urbana.

Palavras-chave: Cidade-Rio, Cidades Amazônicas e Cidades Ribeirinhas.

INTRODUÇÃO

A importância histórica de grandes rios, baías e igarapés para os povos da Amazônia e também para o início do processo de colonização da região é algo incontestável. Foi por meio deles que o capitalismo (des)envolveu os territórios à ribeira mediante à necessidade de

¹ Graduando do Curso de Geografia do Instituto Federal do Pará - IFPA, arielsondias3@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Geografia do Instituto Federal do Pará - IFPA, lobatorodrigo492@gmail.com;

³ Mestra Docente do Curso de Geografia do Instituto Federal do Pará - IFPA, debora.aquino@ifpa.edu.br;





acumulação primitiva do capital e circulação e comércio internacional de mercadorias extraídas e produzidas na região (Trindade Jr.; Santos; Ravena, 2005).

Foi assim que começou o processo de colonização da região onde se encontra atualmente a cidade de Abaetetuba-PA. Essa cidade construída à margem do rio Maratauíra, um dos afluentes do rio Tocantins, possui uma forte conexão com as dinâmicas das águas e da natureza, podendo ser considerada uma cidade ribeirinha (Oliveira, 2006; Trindade Jr.; Silva; Amaral, 2008). Isto é, uma cidade que possui como dimensão importante de sua composição o meio natural, a floresta, o igapó, a várzea, as árvores frutíferas e a circulação de pessoas, objetos e mercadorias influenciada diretamente pela maré, ou seja, pela cheia ou seca dos cursos fluviais de acordo com o horário do dia.

Além disso, destaca-se que dimensão espacial vai para além de sua realidade física material e não pode ser romantizada e nem entendida de maneira estática e essencialista, pois as dinâmicas e processos da globalização e modernização do espaço comandados pelo capital se fazem presentes, de forma diferente e articulada (Oliveira; Schor, 2008).

Assim, as dinâmicas ribeirinhas da cidade marcam também as representações que se tem sobre ela, as identidades, os símbolos e as intersubjetividades que estão em constante relação dialética com outras cosmovisões de mundo alicerçadas em bases muito mais economicistas, de produção de mais-valia, fluidez do território e diminuição do tempo de giro do capital com pensamento modernista sobre o espaço e, portanto, unilinear, reducionista, branco, eurocêntrico e masculinista (Massey, 2008).

Assim, nos apoiando em resultados parciais de pesquisa, temos como objetivo relacionar a interação cidade-rio à uma proposta pedagógica engajada, e direcionada para alunos e alunas do 3º ano de Abaetetuba, tendo como recorte empírico de análise para a proposição de ensino a fronteira entre os bairros Santa Rosa e São Sebastião, que é delimitada pelo Rio Jacarecuara. Esses espaços, para efeitos da presente análise, são considerados como espaços de vivência ribeirinha, sendo realidades sociogeográficas onde se manifestam fortes relações de permanência da interação multidimensional entre populações citadinas com os rios (Silva; Malheiro, 2005), configurando-se como uma das expressões da urbanização multifacetada amazônica, que merece ser entendida e, igualmente, considerada nas políticas urbanas e regionais e na educação das cidades ribeirinhas.

Apesar de estudos sobre a relação cidade-rio já terem sido realizados em Santarém, Marabá, Baião, Belém, entre outros municípios paraenses, não encontramos artigos ou monografias sobre a relação cidade-rio em Abaetetuba, nem propostas metodológicas de ensino ligadas à tal relação partindo. Estudos sobre a importância do rio para comunidades





ribeirinhas e rurais, quilombolas e extrativistas foram realizados sobre Abaetetuba e a Educação do Campo nesse município, mas não falando desse contato e dessa troca no urbano. Por isso, consideramos importante a realização dessa pesquisa. Além disso, os autores deste trabalho possuem vivências dentro da cidade e da educação, em espaços formais e não-formais, que os fizeram questionar e refletir sobre tal relação intersubjetiva e, atualmente, acadêmica e educacional. Nesse contexto, apresentaremos posteriormente os nossos principais materiais e métodos utilizados nesta pesquisa, a apresentação dos resultados parciais e a discussão desses com base no levantamento do bibliográfico teórico-conceitual selecionado. Por fim, é exposto as nossas considerações finais.

METODOLOGIA

A metodologia deste estudo fundamenta-se em uma abordagem exploratória e profundamente engajada, cuja orientação central é a valorização das experiências, memórias e práticas sociais dos espaços de vivência ribeirinha de Abaetetuba, com um foco especial na área de fronteira entre os bairros Santa Rosa e São Sebastião, delimitada pelo rio Jacarecuara. Ao buscar a "união entre teoria e práxis na busca de uma sabedoria prática" (Hooks, 2020, p. 26), a escolha dessa área não foi aleatória, mas sim estratégica, orientada pela percepção clara de que ali se condensam múltiplas dimensões da complexa vida citadina amazônica, marcada pela convivência cotidiana e indissociável com o rio, seja ele visto como via de circulação, fonte de subsistência, espaço de moradia, ou lugar de lazer e sociabilidade. A pesquisa buscou, essencialmente, compreender a cidade a partir da ribeira, ou seja, da perspectiva do cruzamento do urbano com os corpos hídricos.

O percurso metodológico foi estruturado em três etapas interligadas: a revisão bibliográfica, o trabalho de campo e a elaboração da proposta pedagógica. Na revisão bibliográfica, foram mobilizados textos essenciais sobre geografia urbana, as particularidades das cidades amazônicas, a urbanização ribeirinha e os processos históricos de colonização, sempre em constante diálogo com a realidade empírica de Abaetetuba. Mais do que um exercício de acúmulo teórico, a revisão foi orientada por uma perspectiva crítica que buscou entender como a produção científica e educacional pode tanto iluminar quanto invisibilizar os modos de vida ribeirinhos, uma reflexão que questiona a "política patriarcal imperialista, capitalista e supremacista branca" (Hooks, 2020, p. 33) que molda o ensino. Dessa forma, os referenciais teóricos serviram como um contraponto reflexivo para a realidade concreta





observada nas margens do Jacarecuara, incentivando a "abertura radical de pensamento" (Hooks, 2020, p. 33) e o "pensamento crítico" (Hooks, 2020, p. 33).

A terceira etapa consistiu na elaboração de uma proposta pedagógica engajada, voltada especificamente para o ensino de Geografia no 3º ano do Ensino Médio. Inspirada pelas experiências e narrativas vividas em campo, a proposta pedagógica considera os espaços de vivência ribeirinha não apenas como um conteúdo a ser estudado, mas como uma base viva para a construção do conhecimento. Esse olhar dialoga com a pedagogia engajada de bell hooks, que defende a educação como prática de liberdade e valoriza a escuta, a troca de histórias e a imaginação como partes essenciais da aprendizagem (Hooks, 2020, p. 92). Ao incentivar que os estudantes reconheçam o rio e suas margens como espaços de vida, resistência e identidade, a proposta aproxima-se da ideia de que “pensar é uma ação” e de que o aprendizado acontece quando há participação ativa de professores e alunos (Hooks, 2020, p. 31). Dessa forma, a metodologia adotada vai além dos conceitos teóricos da Geografia e se conecta com a realidade concreta, fortalecendo o protagonismo dos estudantes e da comunidade. Assim, a vida ribeirinha é reconhecida como lugar de saber, resistência e identidade, caracterizando-se como uma verdadeira prática de liberdade no espaço escolar (Marinho, 2022, p. 49).

O material didático proposto será desenvolvido de forma colaborativa entre professores e estudantes, articulando teoria e prática através de metodologias ativas. Entre as atividades planejadas estão a criação de um jogo educativo sobre os usos e significados do rio Jacarecuara, a elaboração de uma cartografia social das memórias ribeirinhas e o levantamento de histórias de vida de moradores das margens do rio. Essas práticas terão como finalidade promover o engajamento estudantil, fortalecer o vínculo entre o conteúdo geográfico e o território vivido e estimular o reconhecimento dos saberes locais como parte constitutiva do conhecimento científico. Ao incentivar que os alunos reconheçam o rio e suas margens como espaços de vida, resistência e identidade, a proposta aproxima-se da ideia de que “pensar é uma ação” e de que o aprendizado acontece quando há participação ativa de professores e estudantes (Hooks, 2020, p. 31). Dessa forma, a metodologia adotada ultrapassa os limites teóricos da Geografia e se conecta à realidade concreta, fortalecendo o protagonismo dos sujeitos locais e dos jovens aprendizes.

REFERENCIAL TEÓRICO





O texto estabelece a conexão entre as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) para o ensino de Geografia e o estudo das cidades ribeirinhas amazônicas. A BNCC orienta que a Geografia deve capacitar o estudante a compreender as relações entre sociedade e natureza, além de reconhecer as dinâmicas territoriais e culturais que moldam o espaço geográfico em suas diversas escalas. Nesse contexto, o estudo das cidades ribeirinhas amazônicas é apresentado como um campo de grande potencial para o desenvolvimento das competências do Ensino Médio, particularmente aquelas ligadas ao reconhecimento da diversidade socioambiental, à valorização dos saberes locais e à análise crítica tanto dos processos de urbanização quanto das transformações do território. Essa abordagem está em consonância com o que a BNCC exige para a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, que é "analisar as transformações do espaço geográfico, considerando as interações entre os componentes físicos e humanos e suas implicações ambientais, sociais e culturais" (BNCC, 2018, p. 358). O texto conclui que tal perspectiva encontra plena validade e ressonância no contexto da Amazônia, uma vez que o rio, a cidade e a floresta são dimensões indissociáveis de um processo único: histórico, social e simbólico.

O estudo das cidades ribeirinhas amazônicas, a exemplo de Abaetetuba (PA), é um campo de análise que permite a concretização dos pressupostos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na medida em que confere destaque ao contexto regional e às vivências concretas dos alunos como fundamentos para a edificação do saber; de acordo com o documento, o processo de ensino-aprendizagem deve ser intrinsecamente ligado à realidade social e ambiental e ao cotidiano dos estudantes, o que implica que "o currículo deve valorizar e mobilizar os conhecimentos prévios, as identidades culturais e os modos de vida dos estudantes" (Brasil, 2018, p. 35); dessa forma, o ensino de Geografia, ao se debruçar sobre a dinâmica ribeirinha e as interações complexas entre os espaços urbano e fluvial, atua como um vetor para o desenvolvimento da competência de se compreender a formação territorial como um resultado de processos históricos e sociais, e o uso dos recursos naturais como uma expressão das relações de poder e das disparidades socioespaciais.

Essa abordagem dialoga diretamente com a perspectiva da pedagogia engajada proposta por Bell Hooks, amplamente analisada por Marinho (2022), a qual entende o ensino como prática de liberdade e instrumento de transformação social. Para Hooks (2020), o ato educativo é inseparável da formação crítica e emocional do sujeito, e deve se orientar pela promoção do diálogo, da empatia e da participação ativa. A autora sustenta que "pensar é uma ação" (Hooks, 2020, p. 31), e que o papel da educação é estimular essa ação reflexiva nos estudantes, criando espaços de aprendizado em que o saber seja construído coletivamente.





Essa concepção rompe com a tradição autoritária e bancária do ensino, na qual o professor é o detentor exclusivo do conhecimento, e o aluno, mero receptor. Em contrapartida, propõe uma comunidade de aprendizagem, na qual todos participam ativamente do processo de construção do saber, fortalecendo a autonomia intelectual e o pensamento crítico.

De acordo com Hooks (2013), o processo educativo deve ser concebido como um ato político que rompe com a neutralidade e assume compromisso com a emancipação dos sujeitos historicamente oprimidos. Para a autora, “ensinar é um ato de coragem” (p. 42), pois exige enfrentar as estruturas de dominação que permeiam o ambiente escolar, como o racismo, o sexismo e a exclusão social. A pedagogia engajada, nesse sentido, é um chamado à subversão das hierarquias tradicionais e à criação de espaços democráticos de aprendizagem, nos quais o afeto, o diálogo e o pensamento crítico se tornam pilares da prática docente. Marinho (2022) interpreta essa concepção como um contraponto à lógica neoliberal da educação contemporânea, que transforma o conhecimento em mercadoria e o aluno em consumidor. Para a autora, Hooks propõe uma pedagogia que valoriza a liberdade, a imaginação e o coletivo como resistências frente à “educação-empresa” (Marinho, 2022, p. 2).

Essa crítica ao modelo neoliberal de ensino, que privilegia a competitividade e o desempenho individual, encontra ressonância na BNCC quando esta propõe uma educação voltada à formação humana integral e ao fortalecimento da cidadania. A BNCC (2018) reafirma a importância da educação pública como direito universal e orienta que a escola deve contribuir para a superação das desigualdades e a promoção da justiça social. Assim, o ensino de Geografia, especialmente em regiões como a Amazônia, deve favorecer a leitura crítica das desigualdades socioespaciais, revelando as contradições entre o desenvolvimento econômico e a conservação ambiental, entre o urbano e o rural, entre o centro e a periferia. Essa abordagem estimula o exercício da cidadania ativa e o reconhecimento das múltiplas territorialidades que compõem o espaço brasileiro.

Nesse sentido, o estudo das paisagens ribeirinhas amazônicas representa uma estratégia pedagógica que articula teoria e prática, favorecendo a compreensão do espaço como expressão da vida cotidiana e das dinâmicas ambientais e culturais. O reconhecimento das relações cidade-rio, como no caso da interação entre os bairros Santa Rosa e São Sebastião e o rio Jacarecuara, permite ao aluno compreender como a natureza e a sociedade se entrelaçam na produção do território. Essa leitura crítica do espaço reforça o princípio da educação libertadora (Freire, 2019), na qual o conhecimento é construído por meio do diálogo e da problematização da realidade concreta. Como aponta Freire (2019), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”





(p. 87). Essa noção de comunhão, retomada por hooks (2020), traduz-se na criação de espaços pedagógicos que favorecem a cooperação e a escuta mútua, rompendo com a fragmentação e a hierarquia típicas da educação tradicional.

Portanto, o referencial teórico que fundamenta este trabalho sustenta que o ensino de Geografia deve se articular às bases curriculares da BNCC e às concepções libertadoras da pedagogia engajada. Essa convergência teórica indica que a educação geográfica, quando contextualizada e crítica, é capaz de formar sujeitos reflexivos, empáticos e comprometidos com a justiça social. Inspirada em Hooks (2020) e Freire (2019), essa abordagem valoriza o diálogo, a escuta e o afeto como fundamentos da aprendizagem, reconhecendo o espaço vivido — neste caso, o espaço ribeirinho amazônico — como território de saberes, identidades e práticas emancipatórias. Assim, o ensino de Geografia deixa de ser mera descrição do espaço e torna-se prática de liberdade, instrumento de leitura do mundo e de transformação da realidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo usa como recorte empírico de análise a ribeira do rio Jacarecuara na zona de fronteira entre o bairro Santa Rosa e o bairro São Sebastião, no Município de Abaetetuba, com destaque para as pontes que ligam os dois bairros. Destaca-se que a ponte situada na Travessa Bibiano Cardoso dos Santos será representada por PBI, e a Ponte da Travessa Benedito Sena dos Passos será abreviada para PBE.

Na Travessa Bibiano Cardoso dos Santos há a edificação de uma ponte em concreto de duas faixas asfáltica, a qual possui uma elevação considerável do nível da rua, possibilitando desta forma a passagem de embarcações de médio e pequeno porte abaixo dela. Vale ressaltar que esta rua possui um fluxo muito intenso de veículos terrestres automotores, como carros e motos. Em relação ao rio Jacarecuara, que marca o limite entre os bairros, o fluxo de embarcações, como canoas, rabetas e pequenos e médios barcos é também constante. Cabe ressaltar que os objetos inseridos na urbe amazônica como próteses estrangeiras ao território, como as pontes, muitas vezes a serviço dos que não estão aqui, servem principalmente para aumentar a fluidez territorial, permitindo uma velocidade maior da circulação de pessoas, mercadorias e dinheiro. É importante para o capital sempre diminuir o seu tempo de giro (Santos, 1998).

A PBI interliga de forma mais rápida a população que circula entre os bairros de Algodoal, da área do comércio e do centro da cidade (zona comercial), aos bairros e





ocupações marcados pela expansão urbana, isto é, à espaços mais periféricos da cidade. Antes desse objeto ter sido inserido, o caminho era feito através da Rodovia e vias secundárias da cidade ou através dos rios e seus afluentes que margeiam e cortam a cidade de Abaetetuba.

Imagem 1 e 2: Dinâmicas identificadas *in loco* na PBI

Cal
fro
Fonte: Autores, 2024.



do pel
e
Fonte: Autores, 2024.



A grande movimentação e presença de embarcações de médio porte também marca a paisagem da PBI. Isso se dá, principalmente, porque nas margens do Rio Jacarecuara se localizam dezenas de empresas do ramo da construção civil. As madeiras, os tijolos, as telhas e demais produtos cerâmicos produzidos nas ilhas do município chegam com valor abaixo do mercado convencional, nessas empresas/portos. Portanto, o rio serve como canal de recebimento destes importantes materiais. No raio de 150m da ponte foram identificados oito estabelecimentos que comercializam produtos da construção civil. Cabe ressaltar que essa composição geográfica de entremeados de asfalto, rios, braços de rios, afluentes e igarapés permite uma multiplicidade de conexões espaço-temporais, legais e ilegais, numa teia que marca certa particularidade regional, que é também urbana (Oliveira, 2016).

Esses múltiplos modos de produzir e sentir a cidade não são sincrônicos e nem unilinear. Para nós, apoiados nas ideias de Massey (2017), o espaço é um produto emergente e constante de relações dialéticas, sendo o encontro e a diferença uma das suas características centrais. Não concebemos que a sociedade possui estágios diferentes em uma mesma linha de desenvolvimento, mas que há diferentes sociedades, portanto, espaços-tempos, confrontando-se umas com as outras ao mesmo tempo, é o que se chama de coetaneidade. Marca-se, então, em nossa análise a profundidade das diferenças geográficas que produzem cosmopolíticas e cosmovisões diferentes e às vezes conflituosas de entender o mundo, o espaço-tempo e a vida (Massey, 2017).





Acompanhando o rio também se identificou outra ponte asfáltica ligando os bairros em questão que expressa esse encontro entre um tempo mais rápido e espaço mais modernizado das ruas urbanas e a dinâmica do rio e um espaço com forte presença de uma diversidade de outros seres vivos, ou seja, do igapó, da várzea, das árvores frutíferas e das construções que são atravessadas por saberes e materiais locais, como as palafitas.

A Ponte da Travessa Benedito Sena dos Passos (PBE) é edificada em concreto, possui uma elevação sobre rio Jacarecuara, é de faixa única (estreita), e diferente da PBI ela não possui uma área comercial ligada a materiais de construção, mas sim à comércio varejista de roupas e do ramo alimentício, sendo predominantemente marcada pelo uso residencial. O fluxo de veículos é menor. As casas são, predominantemente, de madeiras, com estruturas palafitas, há pessoas em frente às suas casas conversando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de Abaetetuba está inserida dentro de um processo alienado/alienante do uso e planejamento do seu espaço urbano ribeirinho para atender principalmente aos anseios da lógica capitalista, esta não se rebate de forma homogênea e irredutível na ribeira (Lima, 2016). Este espaço não se reduz, então, à velocidade das ruas. A ribeira parece guardar lógicas ligadas às vivências e aos saberes ancestrais do espaço citadino amazônico. É um espaço que se (re)faz entre o posto/imposto e o alternativo/impossível.

A ribeira do rio jacarecuara entre os bairros Santa Rosa e São Sebastião, a partir da análise da paisagem da PBE e PBI, condensa uma diversidade de usos e vivências espaciais que vão desde a ênfase a dimensão econômica, como é o caso das empresas/portos de materiais de construção, como residencial e de lazer para seus moradores. O rio e a floresta, com destaque para a vegetação de igapó, são presenças marcantes na paisagem, assim como o encontro de barcos, rabetas e voadeiras no rio com os carros, caminhões e motos do asfalto. É no encontro que se produz esse espaço, considerado por nós importante, pois a relação cidade-rio faz parte do imaginário, das identidades, das culturas e das vivências locais.

Tais análises são fundamentais para apresentar os conceitos e aplicações de paisagens, espaços geográficos e problemas socioambientais a alunos do ensino médio, utilizando-se de aspectos da realidade local.





Por fim, acredita-se ser necessário refletir a pesquisa-ensino do caráter do urbano na Amazônia, onde a natureza e seus elementos, isso nos inclui, grafa o espaço, entendido não apenas de maneira linear dentro de uma linha de desenvolvimento ou reduzido à dimensão físico-material, mas sim no sentido do encontro da diversidade e das desigualdades como construção social no capitalismo.

Os rios que cortam as cidades não podem ser entendidos como algo do passado ou que devem ser tampados com concreto, escondidos ou invisíveis na educação, como se a água que nos traz e nos possibilita a vida fosse uma vergonha ou insignificante. Como nos aponta Krenak (2022), as curvas dos corpos hídricos que disciplinam a retilineidade das intervenções urbanas modernistas talhadas pela racionalidade capitalista fazem emergir dos espaços subjugados resistências e possibilidades outras de se pensar a cidade, trazendo a natureza, e isso nos inclui, para o centro do debate.

REFERÊNCIAS

SANTOS, M. *Técnica, espaço e tempo*. São Paulo: Hucitec, 1998.

TRINDADE JR., S. C.; SANTOS, E. R. C.; RAVENA, N. A cidade e o rio: espaço e tempo na orla fluvial de Belém. In: TRINDADE JR., S. C.; SILVA, M. A. P. (Orgs.). *Belém: a cidade e o rio na Amazônia*. Belém: EDUFPA, 2005.

TRINDADE JR., S. C.; AMARAL, M. D. B.; SILVA, M. A. P. Das “janelas” às “portas” para os rios: compreendendo as cidades ribeirinhas na Amazônia. In: TRINDADE JR., S. C.; TAVARES, M. G. C. (Orgs.). *Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências*. Belém: EDUFPA, 2008.

OLIVEIRA, J. A.; SCHOR, T. Das cidades da natureza à natureza das cidades. In: TRINDADE JR., S. C.; TAVARES, M. G. (orgs.). *Cidades ribeirinha na Amazônia: mudanças e permanências*. Belém: EDUFPA, 2008.

SILVA, M. A. P.; MALHEIRO, B. C. P. Faces ribeirinhas da orla fluvial de Belém: espaços de (sobre)vivência na diferença. In: TRINDADE JR., S. C.; SILVA, M. A. P. (orgs.). *Belém: a cidade e o rio na Amazônia*. Belém: EDUFPA, 2005.

OLIVEIRA, A. A cultura, as cidades e os rios na Amazônia. *Ciência e Cultura*. São Paulo, v.58, n. 3, set., 2006.

MASSEY, D. *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2008.

LIMA, M. M. A produção social do espaço e a relação cidade-rio na ribeira de Marabá-PA: modernização, conflitos e resistências. *GeoUsp*. São Paulo, v. 20, n. 2, 2016.

YIN, R. K. *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Porto Alegre: Penso, 2016.





GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KRENAK, A. *Futuro Ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Danna, M. F; Matos, M. A. *Aprendendo a Observar*. ed 3. São Paulo: Edicon, 2015.

